

An abstract painting by Iberê Camargo, featuring a dark, textured background with various shades of blue, purple, and red. The composition is dominated by a large, dark, rectangular shape on the left side, which appears to be a shadow or a reflection. The right side of the painting is lighter, with a mix of blue and white tones, suggesting a sky or a light source. The overall mood is somber and contemplative.

IBERÊ CAMARGO
TUDO TE É FALSO E INÚTIL





Fundação **Iberê**

IBERÊ CAMARGO

TUDO TE É FALSO E INÚTIL

CURADORIA
LUCAS ARRUDA
LILIAN TONE

02 de outubro de 2021 a 13 de fevereiro de 2022



Unizans
13

Quando Lucas Arruda fez sua primeira visita a Fundação Iberê, para iniciar o projeto da exposição *Lugar sem lugar*, agendou, também, uma detalhada visita ao nosso acervo. Lá, guiado por Gustavo Possamai, revelou sua admiração pela obra do nosso patrono, admiração esta que o acompanha desde sempre. E nos propôs realizar uma outra mostra, paralela à sua exposição, com um recorte de obras de Iberê que tivessem especial ressonância para o seu trabalho. A partir da interlocução com a curadora Lilian Tone, surgiu *Tudo te é falso e inútil*, uma seleção de pinturas e desenhos sustentada na última série de obras finalizadas por Iberê Camargo.

Para nós, não poderia haver notícia melhor. Foi com imensa alegria que abraçamos a ideia de revisitar Iberê, guiados pelo olhar de um outro artista, simultaneamente criando novas camadas de significado e contextos que enriquecem a percepção do trabalho de ambos, e revelando um conjunto raramente visto na íntegra.

Esta oportunidade só foi possível graças ao generoso apoio de nosso Presidente do Conselho, Jorge Gerdau Johannpeter, no empréstimo da quinta obra da série. Nosso muito obrigado.

Iberê Camargo possivelmente teria dedicado a Lucas Arruda uma de suas frases mais conhecidas, como agradecimento por este gesto:

“Não conheço maior generosidade do que aquela de quem reparte a criação e a sua riqueza intelectual.”

Esperamos que o público visitante compartilhe esta alegria conosco.

EMILIO KALIL
Fundação Iberê



DAS COISAS ADORMECIDAS NA MEMÓRIA

LILIAN TONE

Esta exposição propõe uma experiência imersiva nos últimos anos da obra de Iberê Camargo, a partir das cinco célebres pinturas da série *Tudo te é falso e inútil*, reunidas pela primeira vez na Fundação Iberê. Seleccionada juntamente com Lucas Arruda, cuja mostra individual se realiza simultaneamente num outro piso, esta apresentação explora momentos de intersecção e diálogo entre o trabalho dos dois pintores, e busca sugerir pontos de acesso ao entendimento de questões compartilhadas por ambos.

Considerado o último corpo de trabalho finalizado por Iberê Camargo, a série *Tudo te é falso e inútil* parece ser para onde converge — e de certa forma submerge — toda a sua trajetória artística. Elementos constitutivos do léxico singular do artista — carretéis, manequim, bicicleta — compartilham com figuras débeis e pesadas, quase andrógenas, o lugar elusivo e movediço demarcado pelas pinturas e desenhos. Como escreveu o próprio Camargo: “No meu andarilhar de pintor, fixo a imagem que se me apresenta no agora e retorno às coisas que adormeceram na memória, que devem estar escondidas no pátio da infância”.¹ Não por acaso, tal passagem poderia descrever também os processos de Lucas Arruda, sua fixação e retorno continuado ao mesmo tema e imagens, ao longo de muitos anos.

¹ Iberê Camargo, “Gaveta dos guardados”, in Augusto Massi (org.), *Gaveta dos guardados*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 30.

A seleção de trabalhos — que inclui quatorze pinturas e trinta e cinco desenhos das séries *Ciclistas* e *Idiotas*, além da série completa e esboços preparatórios para *Tudo te é falso e inútil* — busca justamente explicitar o processo obsessivo desse “retorno das coisas que adormeceram na memória,” onde a re-emergência dos mesmos elementos oferece ao espectador uma imersão profunda no imaginário singular do pintor.

Tanto na obra de Iberê Camargo quanto na de Lucas Arruda faz-se presente o contínuo retrabalhar de certas imagens. Ambos, ao invés de se intimidar diante da repetição, a abraçam como recurso de decantação e depuração de ideias que, em última análise, nos levam para além do objeto e de volta para a pintura. “Essa decantação da forma em muitas águas, isso tanto nas palavras, como nas linhas, na pintura, é uma depuração, uma síntese que leva, por assim dizer, a uma transfiguração que está além da aparência. Importante é encontrar a magia que existe nas coisas, na vida. Do contrário, seria apenas um testemunho visual de um fenômeno ao alcance de qualquer um. Acho que o pintor tem uma capacidade, digamos, de penetração além do modelo. Num determinado momento, o modelo não tem mais importância, ele que foi tão importante para a estruturação do quadro. Surge uma outra figura que nem mais está no ateliê, é um outro espaço”, escreveu o pintor gaúcho.² Descrição que, de certa forma, se poderia aplicar também ao trabalho de Arruda.

Desde o primeiro encontro do artista paulista com as pinturas da série *Tudo te é falso e inútil*, há seis anos, no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, elas se tornaram uma forte referência para seu trabalho. Arruda conta que voltou repetidas vezes à exposição para ver as pinturas: “O que mais me impressionou, nessa série, foi o perfeito alinhamento entre a execução e o assunto do trabalho. O drama daquelas imagens não reside somente no conteúdo, mas em como Iberê as construiu, no modo como a tinta é posta e raspada, riscada, depositada e removida múltiplas vezes, resultando na fantasmagoria das figuras. A angústia do tema é expressa na própria carne da pintura. Parece existir uma ansiedade no fazer estreitamente conectada ao assunto, o que traz uma potência muito grande para o trabalho. Essa qualidade da pintura do Iberê foi uma das coisas que mais me chamou a atenção”. Em *Tudo te é falso e inútil*, aponta Arruda, “Iberê tenta captar esse momento em que as coisas perdem sentido”. No entanto, a despeito da atmosfera distópica, “da evidente falta de otimismo manifesta nas pinturas”, acrescenta, “é notável a capacidade desse trabalho de gerar um consolo à inquietação existencial do ser humano”.

² Iberê Camargo in Lisette Lagnado, *Conversações com Iberê Camargo*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 28.

Na luminosidade crepuscular desses campos pictóricos praticamente monocromáticos, percebe-se, na obra de Camargo, uma qualidade de confinamento claustrofóbico que, entretanto, é aberta, fluida e pastosa. As sugestões de espaço são irrisórias; limitam-se a traços fragmentados que mal sugerem contornos ou grandezas. Trata-se de um espaço ambíguo e teatral — um palco de relações internas entre esses poucos elementos, uma verdadeira dança das cadeiras — que transita entre a amplidão da paisagem e o interior doméstico, um fundo no qual as figuras parecem estar a meio passo de se dissolver.

Tanto na série *Tudo te é falso e inútil*, de Camargo, quanto na *Deserto-Modelo*, de Arruda, há uma suspensão de referências de espaço e tempo. É possível quase dizer que o lugar sem lugar onde opera Camargo, equivale ao deserto de Arruda, o qual, em suas próprias palavras “não tem data, pode vir antes de tudo ou depois de tudo. Você não sabe se o deserto é um momento de formação ou do fim das coisas. É, ao mesmo tempo, gênese e apocalipse. É algo que busco nas minhas pinturas, essa atemporalidade”.

De fato, os dois artistas constroem meticulosamente pinturas compostas de inúmeras superposições de marcas, acidentes e camadas que resultam muitas vezes, ao fim e ao cabo, em superfícies onde se vê quase nada. Como bem articulou o artista Paulo Pasta, é “o emprego de um esforço monumental para expressar a inutilidade de qualquer esforço”.³ Uma perfeita analogia tanto da arte quanto da vida.

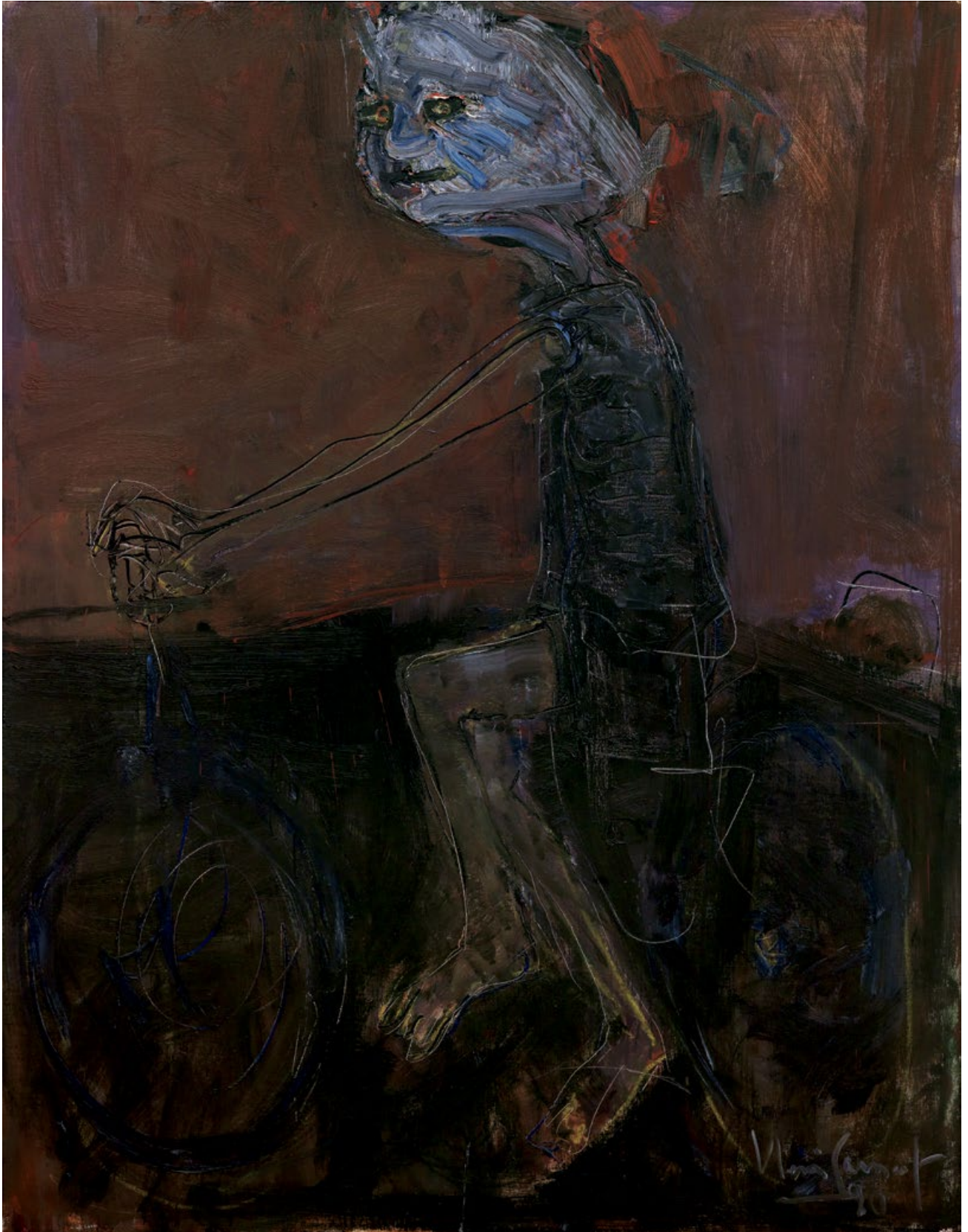
³ Paulo Pasta, “Memória e Matéria na Pintura de Iberê Camargo”, in Sônia Salzstein (org.), *Diálogos com Iberê Camargo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 114.







Série **Ciclistas**, 1990
óleo sobre tela
159 x 185 cm
Acervo Fundação Iberê





Ciclista, 1990
óleo sobre tela
200 x 155 cm
Acervo Fundação Iberê

sem título, 1991
óleo sobre tela
40 x 57 cm
Acervo Fundação Iberê



As idiotas, 1991
óleo sobre tela
200 x 250 cm
Acervo Fundação Iberê



Crepúsculo da Boca do Monte, da série **Ciclistas**, 1991
óleo sobre tela
200 x 283 cm
Acervo Fundação Iberê





Crepúsculo da Restinga Seca, 1993
óleo sobre tela
65 x 92 cm
Acervo Fundação Iberê

“Nada está à vontade na obra de Iberê Camargo. Uma terrível corporeidade, por vezes um tonalismo sombrio, converte os espaços em verdadeiros campos movediços. Aqui as figuras mal conseguem delimitar o seu terreno. Estão permanentemente ameaçadas por um meio que as tolera muito a contragosto. Seguidamente, as formas surgem distantes umas das outras. Entre elas se interpõem superfícies que impedem o contato entre esses fragmentos. E eles, meio à deriva, ostentam um isolamento atônito, uma realidade taxativa mas que não pôde se cumprir. Rostos, mãos, carretéis parecem protestar contra sua verdade parcial, contra essa intensidade produzida por um movimento que não se completou, e que torna ainda mais dolorosa a sua solidão. Por isso também esse ar de espectro que marca suas figuras. Pressionadas pelo espaço, ameaçadas por essas áreas de cor que tendem a reduzir tudo a si — e que apenas alcançam esse aspecto movediço por meio da pintura de Iberê Camargo —, elas se mostram como a imagem velada de algo que não conseguiu ganhar corpo. E por isso vagam incertas: demasiado mundanas para se elevarem a espírito; humanas demais para serem simples sombras. E como poderia ser de outro modo, se o mundo as atravessa, reduzindo sua presença a quase nada?

O mundo de Iberê Camargo não possui propriamente uma estrutura. Ele se constitui por aglutinação. É a viscosidade dessas massas de tinta que dá unidade ao conjunto, que o mantém precariamente coeso. Foi a totalidade que nos restou. À medida que essas camadas se tornam mais espessas, elas parecem ganhar novos graus de realidade. No entanto, dada a natureza da sua constituição, elas relutam em aceitar qualquer movimento de diferenciação. À acentuação de sua realidade deve corresponder uma crescente anulação das diferenças internas. Nasce daí a particularidade do drama que toma conta desses quadros. Não se trata de um embate entre as exigências de uma subjetividade tolhida e os limites impostos por um real avaro. Não existem distâncias tão marcadas nesse mundo pegajoso. Diferentemente do expressionismo do começo do século XX, estas telas apontam antes de tudo a quase impossibilidade de se falar em subjetividade. Portanto não há aí polaridades, com todas as dilacerações decorrentes. A tensão se resume à tentativa de se diferenciar de um meio que, de tão maleável, nos invade por todos os poros, insidiosamente. E porque não existem conflitos é que um rumor surdo permeia todos esses quadros. Mesmo a dor parece ter sido abolida.”

— Rodrigo Naves. *O vento e o moinho*: ensaios sobre arte moderna e contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 79-81. Originalmente publicado no catálogo da exposição *Iberê Camargo: mestre moderno*, Centro Cultural Branco do Brasil, Rio de Janeiro, 1994.



Manianna /
93 /



Estudo para a pintura **A idiota**, 1991
grafite e tinta de esferográfica sobre papel
23,4 x 30,5 cm
Acervo Fundação Iberê



A idiota, da série **Ciclistas**, 1991
óleo sobre tela
154,8 x 199,8 cm
Acervo Fundação Iberê





Iberê produzindo a pintura **Tudo te é falso e inútil II**, ateliê da rua Alcebiades Antônio dos Santos, Porto Alegre, 1992



Tudo te é falso e inútil I, 1992
óleo sobre tela
200 x 249,5 cm
Acervo Fundação Iberê



Tudo te é falso e inútil II, 1992
óleo sobre tela
200 x 236 cm
Acervo Fundação Iberê

Tudo te é falso e inútil III, 1992
óleo sobre tela
200,2 x 235,8 cm
Acervo Fundação Iberê







Tudo te é falso e inútil IV, 1992
óleo sobre tela
200 x 236 cm
Acervo Fundação Iberê



Tudo te é falso e inútil V, 1993
óleo sobre tela
200 x 250 cm
col. Jorge Gerdau Johannpeter, Porto Alegre



A pintura **Solidão** no ateliê da rua Alcebiades Antônio dos Santos, Porto Alegre, 1994



Solidão, 1994
óleo sobre tela
200 x 400 cm
Acervo Fundação Iberê

“As figuras que povoam minhas telas
envolvem-se na tristeza dos
crepúsculos dos dias de minha
infância, guri criado na solidão da
campanha do Rio Grande do Sul.
Para construir o quadro que é
o mundo concreto do pintor,
procedo como um artesão obcecado
na busca incansável da forma.
Nele, nenhum detalhe é supérfluo.
Faço e refaço até alcançar a síntese
das figuras que pinto.”

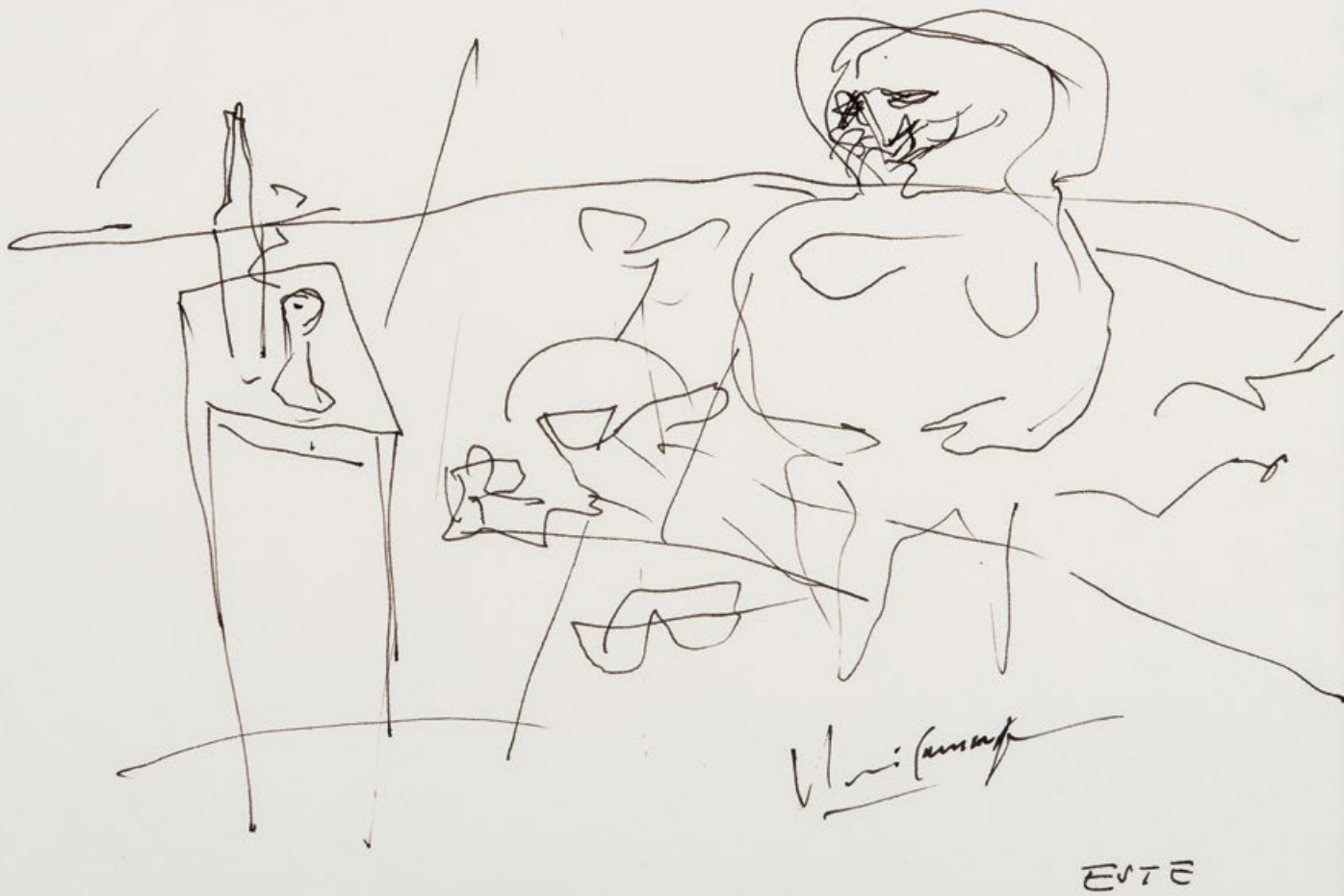
— Iberê Camargo in Lisette Lagnado,
Conversações com Iberê Camargo.
São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 17.



No tempo, 1992
óleo sobre tela
200 x 250 cm
Acervo Fundação Iberê



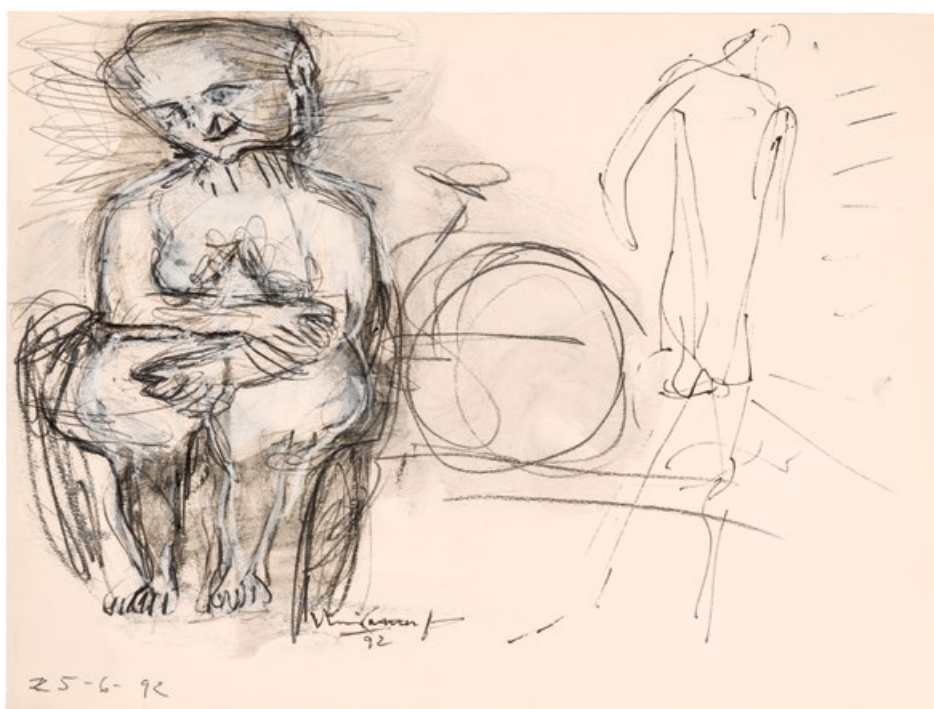




Estudo para pintura da série
Tudo te é falso e inútil, 1992
nanquim sobre papel
21,4 x 31,5 cm
Acervo Fundação Iberê



Estudo para pintura da série
Tudo te é falso e inútil, 1992
grafite e guache sobre papel
23,7 x 32 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1992 | tinta de esferográfica e nanquim sobre papel | 24,1 x 32,1 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1992 | grafite, nanquim, lápis Stabilotone e guache sobre papel | 24,1 x 32,1 cm | Acervo Fundação Iberê

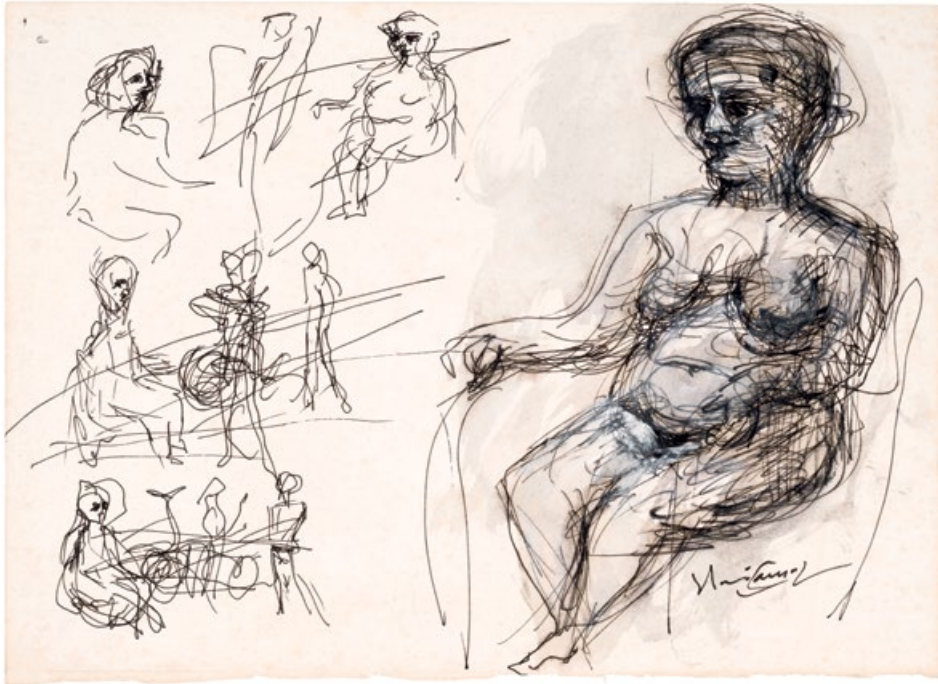


sem título, 1993 | nanquim e guache sobre papel | 35,1 x 50 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | nanquim e guache sobre papel | 25,2 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993 | nanquim e guache sobre papel | 35,2 x 50 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | nanquim e guache sobre papel | 35,3 x 50,1 cm | Acervo Fundação Iberê
ao lado: sem título, 1994 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 76,8 x 55,7 cm | Acervo Fundação Iberê





sem título, c. 1992 | nanquim sobre papel | 25,5 x 35,3 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 25,2 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993 | nanquim sobre papel | 25 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache e nanquim sobre papel | 25,2 x 35,1 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 25,5 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 25,1 x 35,2 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone sobre papel
70 x 50 cm
Acervo Fundação Iberê



“Não participo de paradas de
sucesso, não pertenço a grupos.
Vivo recolhido. Não me importo em
saber de que lado sopra o vento.
Sou quem sou, faço o que faço.
Sempre me interessei pelo homem,
pelo meu semelhante. Na arte
como na vida tenho meus valores.
Se a estrada é lamacenta, arregajo
as calças e escolho o caminho.
Ouçamos Fernando Pessoa:
‘Tudo te é falso e inútil.’”

— Iberê Camargo in Lisette Lagnado,
Conversações com Iberê Camargo.
São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 52.



sem título, 1993 | guache, nanquim e lápis Stabilotone sobre papel | 34,7 x 50,1 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache, nanquim e lápis Stabilotone sobre papel | 35,2 x 50,2 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1992
guache e lápis Stabilotone sobre papel
70 x 50,2 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone
sobre papel
35 x 50 cm
Acervo Fundação Iberê

sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone
sobre papel
25,1 x 35 cm
Acervo Fundação Iberê

sem título, 1994
guache e nanquim
sobre papel
29,5 x 41,9 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993
guache, nanquim e lápis Stabilotone sobre papel
35 x 50 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1992 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 69,9 x 50 cm | Acervo Fundação Iberê



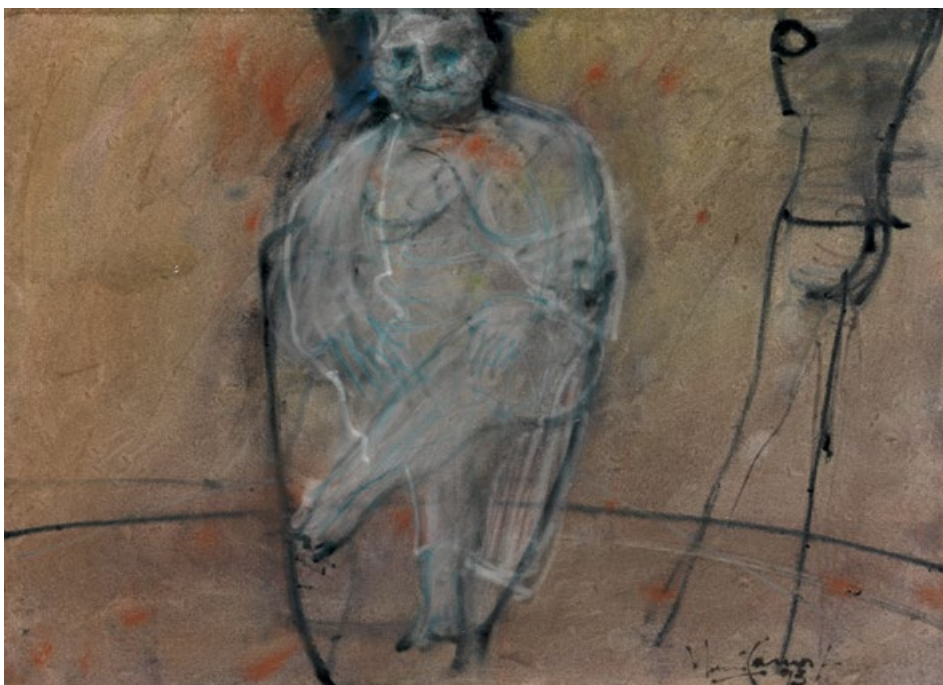
sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone
sobre papel
25,2 x 35 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone
sobre papel
50,2 x 70 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1991
guache e lápis Stabilotone
sobre papel
35 x 50 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 50,2 x 70 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache, nanquim e lápis Stabilotone sobre papel | 25,1 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê



Mulher e cadeira, 1993
guache e lápis Stabilotone sobre papel
70 x 50,1 cm
Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993 | guache e lápis Stabilotone sobre papel | 50,2 x 69,9 cm | Acervo Fundação Iberê
sem título, 1993 | guache, nanquim e lápis Stabilotone sobre papel | 25,1 x 35 cm | Acervo Fundação Iberê



sem título, 1993
guache e lápis Stabilotone sobre papel
25,1 x 35 cm
Acervo Fundação Iberê

ÁLVARO DE CAMPOS

I - Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
DOIS EXCERTOS DE ODES (FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE)

.....

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio. Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sozinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para o pé das árvores próximas.
Funde num campo teu todos os campos que vejo,
Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo.
Todas as estradas que a sobem,
Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao longe.
Todas as casas brancas e com fumo entre as árvores,
E deixa só uma luz e outra luz e mais outra,
Na distância imprecisa e vagamente perturbadora.
Na distância subitamente impossível de percorrer.

Nossa Senhora
Das coisas impossíveis que procuramos em vão,
Dos sonhos que vêm ter connosco ao crepúsculo, à janela.
Dos propósitos que nos acariciam
Nos grandes terraços dos hotéis cosmopolitas
Ao som europeu das músicas e das vozes longe e perto.
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos...
Vem, e embala-nos,
Vem e afaga-nos.
Beija-nos silenciosamente na frente,
Tão levemente na frente que não saibamos que nos beijam
Senão por uma diferença na alma.
E um vago soluço partindo melodiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na vida.

Vem soleníssima,
Soleníssima e cheia
De uma oculta vontade de soluçar,
Talvez porque a alma é grande e a vida pequena.
E todos os gestos não saem do nosso corpo
E só alcançamos onde o nosso braço chega,
E só vemos até onde chega o nosso olhar.

Vem, dolorosa,
Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos,
Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados,
Mão fresca sobre a testa em febre dos humildes.
Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados.
Vem, lá do fundo
Do horizonte lívido,
Vem e arranca-me



Do solo de angústia e de inutilidade
Onde vicejo.
Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido,
Folha a folha lê em mim não sei que sina
E desfolha-me para teu agrado,
Para teu agrado silencioso e fresco.
Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de Hoje que eu tanto amei;
Outra folha de mim lança para o Sul,
Onde estão os mares que os Navegadores abriram;
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o Futuro,
Que eu sem conhecer adoro;
E a outra, as outras, o resto de mim
Atira ao Oriente,
Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fé,
Ao Oriente pomposo e fanático e quente,
Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,
Ao Oriente budista, bramânico, sintoísta,
Ao Oriente que tudo o que nós não temos.
Que tudo o que nós não somos,
Ao Oriente onde — quem sabe? — Cristo talvez ainda hoje viva,
Onde Deus talvez exista realmente e mandando tudo...

Vem sobre os mares,
Sobre os mares maiores,
Sobre os mares sem horizontes precisos,
Vem e passa a mão pelo dorso da fera,
E acalma-o misteriosamente,
Ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!

Vem, cuidadosa,
Vem, maternal,
Pé antepé enfermeira antiquíssima, que te sentaste
À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,
E que viste nascer Jeová e Júpiter,
E sorriste porque tudo te é falso e inútil.
Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver na noite manto branco
O meu coração...
Serenamente como uma brisa na tarde leve,
Tranquilamente com um gesto materno afagando.
Com as estrelas luzindo nas tuas mãos
E a lua máscara misteriosa sobre a tua face.
Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul
Já crescente nítido, ou círculo branco, ou mera luz nova que vem,
A lua começa a ser real.

— Fernando Pessoa, "Dois Excertos de Odes (Fins de duas odes, naturalmente)",
in *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 155.
(1ª publicação in *Revista de Portugal*, n. 4. Lisboa: Jul. 1938).
Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/124>>. Acesso em: 14 set. 2021.





EXPOSIÇÃO

IBERÊ CAMARGO: TUDO TE É FALSO E INÚTIL

Curadoria

Lucas Arruda
Lilian Tone

Consultoria Curatorial

Gustavo Possamai

Design Gráfico

Pomo Estúdio

Montagem

Concreção

Seguro

Affinité Seguros

Transporte

Millenium

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

Produção

Fundação Iberê

Fotografias

Cristine de Bem e Canto p. 10, 11, 36, 37, 48 e 62

Eneida Serrano p. 24, 25 e 32

Fábio Del Re_VivaFoto p. 4 (detalhe), 13, 21,

22, 23, 31, 38, 40, 41 (inferior), 42 (superior),

44, 45 (superior), 46 (superior), 50 (superior),

51, 52 (centro e inferior), 53, 55 (superior),

57 e 58 (superior)

Rômulo Fialdini p. 6 (detalhe), 14, 15, 16, 17,

18, 19, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 41 (superior),

42 (inferior), 43, 45 (inferior), 46 (inferior), 47,

50 (inferior), 52 (superior), 54, 55 (centro e

inferior), 56, 58 (inferior), 59, capa e

contracapas

Capa

Tudo te é falso e inútil V (detalhe), 1993

Contracapas

Solidão (detalhe), 1994

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente

Arthur Bender Filho

Arthur Hertz

Beatriz Bier Johannpeter

Celso Kiperman

Dulce Goettems

Fernando Luís Schüller

Frances Reynolds

Glaucia Stifelman

Hermes Gazzola

Isaac Alster

Jayne Sirotsky

Joseph Thomas Elbling

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Livia Bortoncello

Nelson Pacheco Sirotsky

Olga Velho

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Sérgio D'Agostin

Wagner Luciano dos Santos Machado

William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente

Daniel Skowronsky
Vice-Presidente

Anik Ferreira Suzuki

Ingrid de Króes

Jorge Juchem Zanette

Justo Werlang

Patrick Lucchese

Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

Secretária Executiva

Luciane Zwetsch

Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais

Arthur Marques

José Kalil

Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica

Ilana Machado, coordenação

Aisha Costa, Esly Pereira, Ewandra Palskuski,

Kailã Isaías, Natália Meneguzzi, Sofia Martinez

e Tristan Oliveira, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI

Machado TI

Produção

Thiago Araújo

Catálogo e Comunicação Visual

Pomo Estúdio

Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, consultor

Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Loja Iberê

Leonardo Martins Picoli

Receptivo

Fernanda Queiroz Alves

Henrique Ferrari

Laura Palma

I12 Iberê Camargo: tudo te é falso e inútil /
curadoria Lucas Arruda e Lilian Tone.
– Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021.

64 p.: il. color.

Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê,
de 02/10/2021 a 13/02/2022

ISBN 978-65-991429-7-0

1. Artes visuais. 2. Artes plásticas. 3. Arte moderna.
4. Camargo, Iberê. I. Arruda, Lucas. II. Tone, Lilian.
III. Camargo, Iberê. IV. Fundação Iberê Camargo.

CDU 73(81)

Catálogo na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA.
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS



IBERÊ LAB



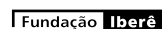
CAIXA MÁGICA



APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2021

Benemérito

JORGE GERDAU JOHANNPETER

Platinum

EDUARDO BRAULE-WANDERLEY | SIMONE CADINELLI

Diamante

IRINEU BOFF

Conselheiros Mantenedores

ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMS

FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER

JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY

OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN

WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

Mantenedores Ouro

ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | CECILIA SCHIAVON | JUSTO WERLANG

PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI | RICARDO MALCON | SILVANA ZANON

Faça parte: clube@iberecamargo.org.br





Fundação **Iberê**

Av. Padre Cacique, 2000
+55 (51) 3247 8000
Porto Alegre/RS

www.iberecamargo.org.br

ISBN 978-65-991429-7-0



Manoel de Barros
93